

A REGENERAÇÃO

AVENÇA

Semnário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Tendeiro
Composição, Impressão e Redacção, na
Tip. Figueirense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:
Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo
Administração: Tipografia Figueirense
FIGUEIRO DOS VINHOS

Sr. Director Literário de
A Regeneração

Figueiró dos Vinhos

Figueiró Histórico

Com a presente dou por finda a série de pequenas crónicas que, sob o título de «Figueiró Histórico», iniciei nas colunas deste jornal em 20 de Junho último.

Como então frisei, recorri aos escritos e estudos do que pudesse relacionar-se com o passado da nossa terra e não pretendi mais do que mostrar aos meus conterrâneos que Figueiró foi, através de todas as épocas, uma vila próspera, berço de ilustres famílias e possuidor de alguns curiosos e ricos monumentos.

Faltam-nos, infelizmente, os elementos indispensáveis a um estudo mais completo e à continuação destas crónicas, que reaparecerão, no entanto, sempre que algum elemento digno de menção nos seja revelado.

Para terminar citaremos alguns nomes de filhos ilustres desta terra, de entre os muitos que, tendo aqui nascido, mais se salientaram pelo seu valor e saber.

Assim, eram naturais de Figueiró dos Vinhos:

D. Pedro de Figueiró, mestre em artes pela Universidade de Coimbra e Cónego Regrante de Sto. Agostinho.

Dedicou-se ao estudo das línguas orientais, tais como a grega, caldaica, arábica e hebraica, que conheceu a fundo. Faleceu no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra a 11 de Janeiro de 1592.

Padre Simão Torrezão Coelho, clérigo secular e doutor em canones pela Universidade de Coimbra. Foi Corregedor de Tomar, Contador do Mestrado da Ordem de Cristo, Colegial e Lente Canonista do Colégio de S. Pedro de Coimbra, Prior de S. Martinho de Lisboa, Ouvidor da Capela Real, Deputado do Santo Offício, da Mesa da Consciência e da Bula da Cruzada. Faleceu em 1642.

Padre Clemente, natural do lugar dos Moninhos deste concelho, que foi professor de Direito Canónico, Prior da Ordem de Cristo e escritor ilustre. Faleceu em 1674.

Dr. Francisco José Lacerda e Almeida, formado em matemática pela Universidade de Coimbra. Foi Governador de Rios de Sena e empreendeu em 1798 a primeira travessia de exploração científica no sertão africano, entre Moçambique e Angola, onde fez importantes estudos. Os seus escritos, conhecidos dos geógrafos da Europa, tem sido traduzidos e publicados em vários países.

Pedro de Figueiró, capitão de uma das naus da armada de Pedro Álvares Cabral quando este descobriu o Brasil.

E muitos mais poderíamos citar, pois é grande a lista que possuímos. Hoje ficamos por aqui.

M. A.

FOME, PESTE E GUERRA

Diziam os nossos antepassados: Nosso Senhor nos livre de fome, peste e guerra. Ouvimos muitas vezes à lareira, em conversa e também, durante as resas que era costume fazerem-se, depois da ceia, a imploração acima referida.

E a propósito os mais antigos contavam-nos episódios sucedidos, casos de lutas liberais ocorridos nas diferentes localidades, que nós novatos, nos deixavam aterrados.

Mais tarde, quando lêmos a história, aterrava-nos a ideia de uma guerra, sobretudo ao lermos que uma guerra durou quarenta anos e que, outra durou cem.

E a nós próprios fazíamos a seguinte interrogação:—como se podia viver cem anos em guerra?

Era para nós incompreensível, pois custava-nos a crer, que se pudesse viver tantos anos numa situação desta natureza: dez, quinze, vinte, quarenta, cem anos em guerra.

E depois, conjugando-a com os males que ela acarreta, fome e peste, a nossa apreensão redobrava.

Mais tarde a nossa opinião foi-se modificando, sobretudo depois dum episódio que se deu em Coimbra, e que vamos contar.

Noutros tempos na Velha Atenas, havia conflitos constantes, entre academia e futricas (nome porque eram conhecidos os naturais de Coimbra).

Alguns chegaram a atingir proporções de certa gravidade. Os estudantes intrincheiravam-se nas esquinas das ruas e por dentro das janelas e zás, disparavam doidamente tiros ao acaso para as ruas pois, tinham o cuidado de acautelar bem o corpo e a cabeça.

Muito barulho, muitos tiros, muitas correrias,—e em geral não passava disto.

Talavia alguns menes prudentes foram vítimas do seu atrevimento. Um caso houve que um futrica atingiu com um tiro um estudante do Figueira da Foz, indo se a biala alojar em pleno coração.

Este rapaz salvou-se por um milagre e creio que ainda hoje vive.

Em conflitos mais graves, os estudantes intrincheiraram-se na alta, portanto, ali do futrica que se arriscasse a transpor o Arco do Almedina ou do estudante a ir à Baixa.

Num desses conflitos mais graves teve de intervir a Cavalaria de Aveiro. A Academia quando ela apareceu na alta, tributou-lhe uma manifestação ruidosa.

Em face desta manifestação, os estudantes procuraram confaternizar com a tropa, o que conseguiram.

No dia seguinte o comandante, sentindo-se à vontade, foi almoçar a um restaurante que havia na rua Larga, onde hoje está a Livraria Neves, creio eu.

Ao levantar-se, o oficial comandante dirigiu-se ao bengaleiro a fim de ir buscar o boné.

Mas qual o seu desapontamento quando viu que o boné tinha desaparecido! Não podemos imaginar como o oficial ficou perturbado e tanto mais que era um oficial aprumado e que não admitia brincadeiras com a tropa. Em seguida dirigiu-se ao Largo da Feira onde se encontrava o esquadrão, tomou o comando e foi o diabo.

Os estudantes que por ali se encontravam mal tempo tiveram de se refugiar fôsse onde fôsse, foi uma corrida a valer e acompanhada de algumas pranchadas, que não atingiram ninguém porque nesse tempo os estudantes eram ágeis, sabiam fugir!

(Continua na 2.ª página)

Junta de Província da Beira Litoral

No próximo dia 2 de Dezembro, de harmonia com as disposições do Código Administrativo, reúne o Conselho Provincial da Junta de Província da Beira Litoral, sob a presidência do sr. Professor Dr. Bissaia Barreto.

Grémio da Lavoura

De harmonia com o estabelecido nos seus Estatutos, a Direcção do Grémio da Lavoura, procedeu à organização do Conselho Geral e vai convocar os respectivos procuradores para reunirem, em sessão ordinária, no próximo dia 29 do corrente, pelas 12 horas na sede do Grémio, a fim de tomarem posse dos seus cargos, elegerem o seu presidente e secretários, e discutirem o projecto do orçamento da receita e despesa para o ano de 1943.

Chama-se a atenção dos srs. Procuradores para o facto de a sua presença a esta reunião ser obrigatória, salvo motivo de doença ou outro de força maior, devidamente comprovados.

Banda Municipal

Por deliberação da Câmara Municipal, foi organizado nesta vila, com elementos da extinta Banda da Casa do Povo, um agrupamento musical que se denominará *Banda Municipal de Figueiró dos Vinhos*.

—Para director artístico e chefe da Banda Municipal, foi contratado o maestro sr. Raul Moraes Franco.

—Esta Banda, está convidada para abrilhantar as procissões que em 22 e 23 próximo, se realizam nesta vila, em honra do Sagrado Coração de Jesus a primeira, e das Almas, com visita ao cemitério, a do dia 23.

Falta de Géneros

Devido ao estado de guerra em que o mundo se debate, nota-se, aqui e ali, que os géneros de primeira necessidade não chegam com a regularidade dos tempos normais.

Há quem compreenda esta situação. Mas outros há que, sempre insubordinados, aproveitam a ocasião para pretender indispor a opinião pública contra a forma como se faz a distribuição; para estes indivíduos nunca satisfeitos, há muitas vezes que recorrer às autoridades, a fim de os chamar à ordem.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Com o pedido de publicação, recebemos do Pôrto a seguinte carta de adesão à ideia da criação dum Biblioteca aberta ao público. Porque nela está patente a compreensão e interesse que a cultura merece aos intelectuais de hoje, não só a que lhes interessa de momento como ainda a que se refere ao interesse mental do grande público, publicamo-la com um interesse que ultrapassa a simples cortezia.

Que as suas palavras façam conosco figueiroenses que podem concorrer para a resolução do problema, e em todos quantos as leiam — eis os nossos votos.

Sr. Director Literário de
A Regeneração

Figueiró dos Vinhos

Tendo «A Regeneração» defendido a criação, em Figueiró dos Vinhos, dum Biblioteca Pública e tendo a Escola Secundária tomado a iniciativa de criar uma Biblioteca aberta ao público, vimos sugerir à ex.ª Direcção de «A Regeneração», o empréstimo à referida Biblioteca dos livros que lhe são oferecidos pelos editores e autores.

Além disso o vogal do Pelouro da Instrução, a Direcção Literária de «A Regeneração», a Direcção da Escola Secundária, as direcções das Casas do Povo, etc. podiam constituir uma Comissão Permanente Pró-Bibliotecas que levasse por diante a iniciativa da Escola Secundária e de «A Regeneração».

Se essa Comissão escrever às Associações e Clubes Académicos de Lisboa, Pôrto e Coimbra, aos jornais, aos beneméritos, às Associações e Clubes Científicos, aos autores, etc. estamos certos de que dentro de semanas poderá a jovem Biblioteca de Figueiró dos Vinhos contar com uma Biblioteca utilíssima para o Público.

Claro que a iniciativa resultaria inútil se fôsem escolhidas as horas de leitura somente para os não-empregados. Uma Biblioteca só tem de facto uma grande missão educadora se está aberta também depois da saída dos trabalhos profissionais, se a catalogação andar sempre em dia, se a entrega dos livros for rápida, se houver empréstimos de livros para casa sem dificuldades, se for estimulada a frequência feminina, se forem realizadas conferências, etc.

Pela nossa parte vamos já incitar o envio grátis à Escola Secundária de alguns livros úteis.

Um Grupo de Amigos das Bibliotecas

O medo de viver

O recolhimento em si próprio só serve às naturezas singulares e fortes e ainda, com a condição de ser relativo e intervalado. Os outros pagam-no caro... Esse recolhimento, quando não é determinado por altas razões intelectuais ou espirituais, só tem por causa as mais das vezes, a preguiça, o egotismo, a impotência, em suma, esse «medo de viver» de que ainda se não disse o bastante sobre o lugar que ocupa entre os males que afligem a Humanidade. — Montherlant.

UMA calouira da Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos, escreveu o seguinte, segundo conta a professora Helen White: «Abraão Lincoln nasceu numa cabana de madeira que ele construiu com suas próprias mãos.»

Fome, Peste e Guerra

(Continuação da 1.ª página)

A tarde foi fértil em comentários, não se falava noutra coisa. A noite foi um dia de juízo.

De todas as águas furtadas e por toda a Alta, com grandes funis de papelão e de lata, soava:—Olha o boné, outros: dá o boné ao homem.

Um inferno, até que o oficial comandante, sentindo-se re- dicularizado, pediu autorização para sair.

Esta zaragata acabou assim e ficou conhecida pela do rou- bo do boné.

Mas afinal com as histórias dos conflitos de Coimbra, fu- gimos ao ponto de partida: O medo que nos causava a guerra. Efectivamente assim era, mas nós habituámo-nos de tal forma aos conflitos e ao troteio, que depois já nos sentíamos quasi que indiferentes, mais uma ou menos uma zaragata académica, era-nos indiferente.

Mais tarde assistimos à mobilização e na qual tomamos parte para a Grande Guerra 1914—1918 a princípio fo rece- bida com horror, mas passados uns meses, já fazia parte da nossa vida, marchava-se para a front com música e cantando a Portuguesa.

Hoje esta Grande Guerra, é também uma questão de hábito.

Ainda ontem um amigo comentando, dizia:—Como se pode viver nas cidades que constantemente estão a ser metralhadas?

E' uma questão de hábito, quando não são visitadas já estranham,—diziamos nós.

Quanto à fome e peste, são casos mais sérios e que dei- xamos para outra ocasião.

Lenhas e carvões vegetais

Vai entrar em execução o de- creto n.º 32.270, de 19 de Setem- bro findo, que foi promulgado para assegurar o abastecimento de lenhas e carvões vegetais aos caminhos de ferro, indústrias e à populaçã do país.

Um despacho ministerial de 30 do mesmo mês, determinou já as primeiras entidades grandes consu- midoras de lenhas que obrigatória- mente tem de ser abastecidas por intermédio do Grémio de Exporta- dores de Madeiras, devendo sujei- tar-se ao mesmo regime todas as outras cujas compras se julgue con- veniente retirar do mercado livre, para o não agravamento de preços.

As zonas abastecedoras e res- pectiva tabela de preços, que a se- guir inserimos, constam do mesmo despacho:

1.ª Zona—constituída pelas ma- tas situadas nas regiões circunja- centes das cidades de Lisboa e

Porto, a distância não superior a 60 quilómetros da primeira e 25 da segunda, contados por estrada, ca- minho de ferro ou via navegável.

2.ª Zona—constituída pelas ma- tas não compreendidas na 1.ª Zona e situadas ao longo das vias férreas e cursos de água navegáveis ou fluviais, a distância não superior a 10 quilómetros, contados por estr- da até ao lugares de carregamento mais próximos.

3.ª Zona—constituída pelas ma- tas situadas fora da 1.ª e da 2.ª Zonas.

Tempo de corte:—Em pé ou pesadas imediatamente após o cor- te: Pinho 50\$00, 36\$00 e 30\$00 (a) Eucalipto, azinho e sôbro 55\$00, 41\$00 e 36\$00 (a)

Pesadas no prazo de trinta dias após o corte: Pinho, eucalipto, azi- nho e sôbro 66\$00, 48\$00, e 40\$00 (a)

a) 1.ª Zona, 2.ª Zona e 3.ª Zona

Correspondências

Feira mensal de Chão de Couce

Chão de Chouce, 17-11-942

Realizou-se no passado domingo a feira mensal de Chão de Couce, que se vem realizando com regula- ridade nos 3.ºs domingos de cada mês.

Foi concorridíssima em todos os artigos, mas especialmente em ga- do suíno, batendo o record das das feiras circunvisinhas. Aparece- ram muitos gados que atingiram preços elevadíssimos, sendo os lei- tões vendidos entre 250 e 300 es- cudos, apesar da grande fartura que apareceu, tendo-se feito grandes transacções. O sr. António Medei- ros do visinho lugar das Ferrarias, apresentou e vendeu um porco que media cerca de um metro de altura e que foi vendido por 2.850\$00.

E' o melhor exemplar que tem aparecido em todas as feiras da re- gião, pois qua é para a Feira de Chão Couce, que das freguesias circunvisinhas e da de Chão de Couce, acorram todos os melhores exemplares, dado a concorrência de bons compradores.

Vendem-se galinhas a 20\$00 e coelhos a 15\$00 a média. Os ovos foram a 7\$50 cada dúzia, as favas a 18\$00 cadaal queire.

Campêlo 18-11-1942

Foi nomeada para regente do Posto de Ensino de Campêlo a menina Aura Rosa de Matos, a quem desejamos as maiores pros- peridade no desempenho das suas úteis funções.

Avelar em festa

Rapoula, 13-11-942

Dia 12 de Novembro, dia co- memorativo das 5 Vilas e Arega.

Dia em que todos os Avela- renses abandonam os seus negó- cios, as suas indústrias e os seus lares, para se incorporarem no acto festivo das terras que lhes serviu de bérço. Dia em que D. Manuel 1.º deu o foral de vila em 1514, há 427 anos.

Cidadãos que tomaram esta linda vila do Avelar como sua terra adoptiva, fixando aqui as suas indústrias, como os srs. Moreiras e outros, deram a vida ao Avelar, e o seu progresso, 1.º

CARTEIRA

Esteve nesta Vila, a tratar de assuntos relacionados com a Esco- la Secundária, o ex.mo sr. dr. Ederético Segundo Lopes, ilustre Sub Inspector do Ensino Particular.

— Foi nomeado Tesoureiro da Fazenda Pública do concelho de Figueiró dos Vinhos o sr. Edmundo Heitor Fabre dos Reis, que já se encontra entre nós, com sua ex.ª esposa, filho e sobrinha. Os nossos cumprimentos de boas-vin- das.

Arrematação de carnes

A Câmara Municipal deliberou em sua reunião de 18 do corrente, que se proceda à arrematação de carnes verdes, para o próximo ano de 1943, no dia 2 de Dezembro do corrente ano pelas 14 horas.

com suas indústrias, 2.º pelo seu modo cativante, que usam com a população em geral.

O Avelar progride, o Avelar precisa de homens assim. O Avelar tem homens para amanhã, é pre- ciso que eles imitem os homens de hoje.

Avelarenses, a quem de direi- to lhe competir, peçam para os altos poderes do Estado, as ne- cessidades das nossas vias; o Avelar é um bêco sem saídas; e pagamos contribuições eleva- das, sem que tenhamos qualquer verba para reparar as nossa es- tradas.

Gritamos bem alto a necessi- dade das nossa vidas.

Tive ocasião de apreciar os festejos de hoje: 5 horas da mar- cha—alvorada pela filarmónica percorrendo as ruas da vila, com uma salva de 21 tiros, enfrentan- do se no largo do pelourinho, em saudação ao símbolo da nos- sa linda vila. Os acordãos da filarmónica, despertavam os que dormitavam sobre os seus leitos, que se apressavam a acompanhar o cortejo até ao pelourinho sím- bolo da nossa vila.

A' noite, no largo 12 de No- vembro grande multidão das freguesias vizinhas, Aguda, Ma- çãs de D. Maria, Chão de Cou- ce, Cumieira e Ancião.

Bem hajam os Avelarenses. Bem hajam os amigos do Ave- lar.

Viva'o Avelar. Vivam 5 Vilas e Arega.

Anuncio

Faço saber que revoguei o mandato que havia conferido a meu marido Martinho Mendes de Sousa, residente no lugar da Abrunheira, freguesia de Aguda, da Comarca de Figueiró dos Vi- nhos, na procuração passada em Coimbra no cartório do bacharel Inácio Ferreira da Cunha, em 23 de Setembro de 1933, para o que lhe foi feita a competente noti- ficação judicial em 17 do cor- rente. Por êste meio e para os devidos efeitos se faz pública esta revogação de mandato, me- diante a qual foram retirados todos os poderes que conferi por aquela procuração.

Coimbra 19 de Novembro de 1942.

Adelaide dos Santos Sousa

AGRADECIMENTO

Por ter hauido um lapso na publica- ção do seguinte Agradecimento, repeti- mo-la, pedindo desculpa aos interessa- dos:

Maria das Doras Zagarte, Ro- berto Zagarte Henrique, esposa e filhos (ausentes) e Adelaide Zagarte Nunes, marido e filho, no intuito de evitar qualquer lamentável lapso, vêm agradecer publicamente a quantos se interessaram pela doença e falecimento do seu chorado espo- so, pai, sogro e avô, e a todos os que se dignaram acompanhá-lo à derradeira morada.

João Leal da Silva Tendeiro

Médico Veterinário Municipal
Clinica Geral

Operações e Vacinações

Figueiró dos Vinhos

Em Pedrógão Grande — às segun- das-feiras das 9 às 14 horas
Em Castanheira de Pêra—às quin- tas-feiras das 9 às 15 horas

CASA

Arrenda se nesta vila, à Fon- te das Freiras, 1.º andar com varanda, instalações de elec- tricidade e água, e quintal.

Trata-Carlos Lacerda.

Folhetim de "A Regeneração," N.º 4

A CAVALGADA DOS NUS

POR H. LOPES DE MENDONÇA



El as gargalhadas retumbavam cada vez mais sonoras na serenida- de bucólica do sitio. Nas redes que se puxavam para a margem palpi- tavam já, como pequenas lâminas vibráteis, os peixitos do rio: tenças, bordalos, enguias, cadozes, aos quais se misturava por vezes o mos- queado das trutas. A colheita de cágados adiantava-se a olhos vis- tos. Dentro de um capacete inver- tido esperneava já mais de uma du- zia desses reptis. Algumas dos ex- cursionistas perseguiam doidamente as rãs desatinadas. Entre o feno verdejante, os cavalos, despejados de jaezes, retocavam à solta, er- guendo a espáçoa a cabeça fina, como jubilosos e gratos pelo ines- perado regabofe.

No meio da medonha matinada, uma só, personagem mantilha o flegma melancólica da sua reça, banhando-se com o mesmo metódi-

co respeito que outrora vinculara às abluções da seita renegada: era o elche mourisco António Coutinho, o almocadêm da almogavaria.

De repente, êle interrompeu-se no lavacro. El, como um galgo que fareja a caça, erguen o rosto fusco e vivo, fazendo ao mesmo tempo um aceno enérgico a reclamar si- lêncio. Mas foi mister, para que lhe obedecessem, bradar em voz forte e imperiosa:

— Calai-vos, por Deus!

No meio da calada, que se fez de improviso, ouviu-se o reboar longínquo de um canhão. Quando com os olhos apenas se interroga- vam, para não quebrar o necessário silêncio, outro tiro se seguiu, amortecido pela distância, mas vindo distintamente das bandas de Arzila.

— Temos novidade, murmurou a mourisco, encaminhando-se apressa- damente para terra.

— São os da vila que nos cha- mam, acrescentou João Martins.

— Ou nos dão sinal, sugeriu ou- tro.

Todos, surpreendidos e anciosos, seguiam o almocadêm, quando Mem Fogaça, que ficara a meio do rio, teve uma exclamação de espanto:

— Olhai!

Apontava na direcção da mon- tante. Todos se lhe aproximaram, arduendo em curiosidade, e só por extremos de prudência se abafou um grito geral de alvoroço.

Na curva sinuosa que fazia o rio, ao sair do vale de Jorge Vieira, alvejava nitidamente uma cavalga- da oscilante de albornozes mouris- cos, acima dos quais chispavam ar- mas. Para o grupo dos banhistas se dirigiam silenciosos, mas resolu- tos, e os cavalos da vanguarda já imergiam na água os curvilhões negros.

Um grito de: — Santiago!

rompeu quasi unisono das bôcas dos portugueses. El sem se lembra- rem da sua estranha situação, ar- rojaram-se em tumulto para o pou- so das lanças, dispostos a fazer te- merariamente face ao inimigo. Mas

um novo brado inarticulado de An- tónio Coutinho os susteve. E aos que se tinham deixado ficar ainda no meio do rio deparou-se um novo espectáculo que, desta feita, lhes coou pela espinha um vago arrepio de terror.

A juzante do rio, descendo as lombas que iam morrer no porto de Halemoquique, à distância de um tiro de béstia, quando muito, uma horda de inféis, encavalgados em vistosos alfarazes, ameaçava os des- preocupados expedicionários. El, sentindo-se descobertas, de ambas as hostes sitiadas da mourama sur- diu uma grita gutural e tremenda, que ecoou pelas profundezas da várzea, e no meio da qual apenas se distinguia a frase consagrada dos massulmanos:

— La illah ill' Allah! (O único deus é Alá!)

E' indiscriminavel a confusão que seguiu. Assoberrados por forças, pelo menos, vinte vezes superiores, mesmo quando se encontrassem de- vidamente armados e equipados, aos portugueses não restaria senão o recurso extremo da fuga. Mas, nas circunstâncias presentes, o expe- diente impunha-se como única, e

ainda assim bem precário, esperan- ça de salvação.

Os mouros avançavam agora com tal rapidez, apenas demorados um pouco pelas dificuldades de vadear a exígua corrente, que nem havia tempo de retomar as vestimentas, disseminadas ao acaso sobre os rel- vões da margem.

Os almogavares cristãos apenas puderam empunhar as lanças, e sal- taram à ventura, sem escolha e sem ordem, sobre os cavalhos desajea- zados que relinchavam de surpresa, segurando-os como guia única pelos cabrestilhos. El começavam a galop- ar sobre a alcatifa esmeralda do campo, embebidos no silêncio solene do perigo iminente, quando ressoou a voz chocarreira de Mem Fogaça, que escarranchava no cavalo em osso as pernas nuas e esqueléticas:

— El! James! Olhai a vossa Diana!

El, entrecortada pelos primeiros galões do seu corcel, surdiu dos lá- bios do escolar a inevitável citação latina.

— Rejiciunt... parmas, et equos... ad moenia... vertunt...

(Continua).

Empreza Resineira de Figueiró dos Vinhos, L.da

Por escritura de 31 de Outubro de 1942, lavrada a fls. 28 v. do L.º n.º 399 das notas deste cartório, foi aumentado o capital que era de 500 contos, para oitocentos contos já realizado a dinheiro pela sócia União Resineira Portuguesa, e alterado o seu pacto social, na forma dos art.ºs seguintes:

1.º—O art.º 4.º fica substituído pelo seguinte:

«4.º—O capital social de 800 contos, está inteiramente realizado a dinheiro e nos diferentes bens da sociedade, conforme a escrita, e corresponde à soma das cotas dos sócios que ficam sendo as seguintes:

Agria & Carvalho, Limitada, 130 contos;

União Resineira Portuguesa, 400 contos;

Manuel António da Costa Nunes Agria, 20 contos;

Sociedade de Apetrechamentos Industriais, Limitada, 114 contos;

Resinagem Nacional, Limitada, 60 contos;

Banco Raposo de Magalhães, 60 contos;

António de Sousa Magalhães, 16 contos;

2.º—Fica eliminado o § unico do art.º 5.º.

3.º—O art.º 6.º, fica substituído pelo seguinte:

«6.º—A gerência fica a cargo de todos os sócios, sem caução, qualquer dos quais representará a sociedade, tanto em juízo como fóra d'ele.

4.º—O art.º 7.º fica substituído pelo seguinte:

«7.º—Para a sociedade ficar obrigada em actos que não constituam propriamente o objecto social, tais como vendas de fábricas, de alvarás, ou responsabilidades semelhantes, é indispensável a intervenção de todos os sócios.

5.º—O art.º 8.º fica substituído pelo seguinte:

«8.º—No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito, elegerão entre si, um, que os represente na sociedade.

No caso de o não fazerem no prazo de 30 dias a contar da data do falecimento ou interdição, a sociedade poderá amortizar a cota pelo valor determinado nos termos do art.º 5.º.

6.º—O art.º 12.º fica substituído pelo seguinte:

«12.º—Dos lucros da sociedade serão separados anualmente: 5% para o fundo de reserva legal;

20% para o fundo de reserva especial destinado a amortização de máquinas e utensílios;

5% para os administradores-delegados em exercício.

§ unico. O fundo de reserva especial destinado a amortização de máquinas e utensílios, poderá ter outra aplicação se os sócios assim o deliberaram em reunião, da qual será lavrada a competente acta.

7.º O art.º 15.º fica substituído pelo seguinte:

«15.º—Não poderão qualquer dos sócios ou dos seus associados exercer por si ou associados com os outros ou por interposta pessoa ou firma, o comércio ou indústria de productos resinosos, além daquêlê que já exploram nesta data ou onde também nesta data tenham interesses directos ou indirectos, conforme constará de acta que será lavrada, e a pretenderem fazê-lo tem que oferecer o mesmo à sociedade, mas se esta o não quiser aceitar, poderão então livremente fazê-lo.

§ unico. Na falta de cumprimento do disposto no corpo deste art.º tem a sociedade o direito de amortizar a cota do sócio que cometer a infracção, pelo seu valor nominal acrescido da cota parte que lhe couber no fundo de reserva legal.

8.º—E' adicionado mais um artigo que fica sendo o 16.º passando o 16.º a ser o 17.º, e ficando o 16.º com a seguinte redacção:

«16.º—No caso de dissolução ou liquidação de qualquer das sociedades e ainda no caso de penhora ou arresto, as suas cotas na "Empreza Resineira de Figueiró dos Vinhos, Limitada, tem a Empreza o direito de resgatar a respectiva cota mediante o pagamento do respectivo valor nominal acrescido da cota parte que lhe couber no fundo de reserva e dos lucros que lhe corresponderam pelo tempo decorrido do respectivo exercício, calculados mês a mês desse exercício, decorrente, pela média obtida nos 5 ultimos exercícos ou seja em 60 meses.

§ unico. No caso da hipotese acima referida se verificar, não tenho ainda decorrido os 60 meses, a média será obtida em relação ao tempo que for decorrido.

Lisboa, 5 de Novembro de 1942.

O ajudante do Notário dr. Caetano Nunes

José Pinto Portimão

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

Editos de 30 dias

(1.ª Publicação)

Faz-se saber que por este Juizo e sua 1.ª secção, correm editos de trinta dias a contar da segunda e última publicação do respectivo anuncio, notificando o executado Francisco Silveiro, casado, ausente em parte incerta da França, e com o seu ultimo domicilio em Agua de Alta, desta freguesia e comarca, de que por despacho de 5 de Novembro corrente, foi ordenada a penhora no imóvel a seguir indicado, na execução que lhe move bem como a sua mulher Remilde da Conceição, a exequente D. Maria Adelaide da Costa Agria, viuva, desta vila, para pagamento da importância de três mil setecentos e quarenta e cinco escudos, ao juro anual de cinco por cento, ou seja a quantia de quatro mil seiscentos e oitenta e um escudos e vinte e cinco centavos, ficando eles executados na posição de depositários do mesmo imóvel.

Imóvel penhorado
Um olival sito à Salada das Maças, limite de Agua de Alta, desta freguesia, parte do nascente com Paulino Godinho, sul com Antero Simões Barreiros, norte com Alfredo Dias Gurado, e poente com terrenos da freguesia de Dona Maria (águas quebradas). Este prédio é na matriz o artigo 23:448. Figueiró dos Vinhos, 7 de Novembro de 1942.

O Chefe da 1.ª Secção
Jaime Ribeiro Suceua
Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito
Themudo Machado
Jornal «A Regeneração» n.º 572 de 21 de Novembro de 1942

A. Teixeira Forte
ADVOGADO
Figueiró dos Vinhos

Joaquim J. Fernandes
Medico Municipal
Clínica geral
Doenças das crianças
Figueiró dos Vinhos

J. Rodrigues de Oliveira
Doenças de Pulmões — Partos
Clínica Geral
— Consultório e residência:—
Figueiró dos Vinhos

Escola de Corte Luc
RUA ADELINO VEIGA, 14-1.º
Coimbra

Professora diplomada ensina curso geométrico completo, habilitando a executar vestidos e casacos e roupas interiores de senhora e criança e roupa interior para homem, em 33 lições. Também ensina costura e vai a casa das alunas. Para informações, dirigir à ex.ª sr.ª D. Hermia Lopes da Silva—Figueiró dos Vinhos.

Anúncio

Comarca de Figueiró dos Vinhos

2.ª Publicação

Faz-se saber que no dia 3 de Dezembro próximo, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, vai à primeira praça, para serem arrematados por qualquer preço oferecido, além do abaixo indicado, os imóveis a seguir discriminados, penhorados nos autos de execução por custas e selos que o digno Agente do Ministério Público na 6.ª Vara da comarca de Lisboa, move a José Pereira da Costa, casado, comerciante, residente no lugar dos Troviscais Fundeiros, desta comarca, saber:

PREDIOS

1.º—O direito e acção a metade de uma testada de mato no Vale da Pevide, limite dos Troviscais Cimeiros, freguesia de Pedrógão Grande, a confinar do norte com José Vicente sul com Manuel Vicente da Piedade, nascente com os mesmos e poente com Joaquim Simões Diniz, inscrito na matriz sob o artigo 11.863 1/8, e descrito na Conservatória sob o n.º 30.375, a fls. 99 verso do livro B. 77. Vai à praça no valor de 587\$20

2.º O direito e acção a metade de uma terra de sementeira com água de rega, no sítio do Ribeiro, limite dos Troviscais Fundeiros, freguesia de Pedrógão Grande, que confronta do norte com Manuel Nunes, sul com Joaquim Vicente, nascente com a Barroca e do poente com o viso. Inscrito na matriz sob o artigo 11.090, 1/2, e descrito na Conservatória sob o n.º 30.376, a fls. 100, do livro B., 77. Vai à praça no valor de 481\$80

3.º Uma terra de sementeira de seca com oliveiras no sítio da Ponte, limite dos Troviscais Cimeiros, confinando do norte com José Vicente, sul com herdeiros de António Bento, nascente com Abílio Barata Salgueiro e poente com a barroca. Inscrito na matriz sob o artigo 11.776—1/3, e descrito na Conservatória sob o n.º 30.377, a fls 100 vº, do livro B. 77. Vai à praça no valor de 396\$. Figueiró dos Vinhos, 30 de Outubro de 1942.

O chefe da 1.ª Secção
Jaime Ribeiro Suceua
Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito
Themudo Machado
Jornal «A Regeneração» n.º 572 de 21 de Novembro de 1942

Serviço permanente
EM
Automóvel de aluguer
Telefone 6
Alfredo David Campos
Café Central
Figueiró dos Vinhos

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

SEDE — LISBOA

Filiais—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

CONSULTORIO DENTARIO
A. MARTINS NUNES
DOENÇAS DA BOCA E DENTES — DENTES ARTIFICIAIS
Consultas às Sextas-feiras e aos Sábados até ao meio dia
Praça JOSÉ MALHOA Figueiró dos Vinhos
Reabriu o seu consultório na primeira quarta-feira de Outubro
Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

Anibal Silveira Herdade Figueiró dos Vinhos

R. Dr. Martinho Simões
Agente e depositário dos produtos
Lusalite Cimentos - Cal Hidráulica
Representante das lampadas Tungstam
24-8
Comissões e Consignações

Armazém de Ferro, Aço e Carvão

Alfonses António da Conceição Pombal — Telefone n.º 7
Completo sortido de ferragem, ferramentas, tintas e louças
Materiais de construção
Artigos sanitários—Tubos de ferro grês e de fibro-cimento
Agente-depositário de:
Cimento LIZ—Produtos LUZALITE—CERAMICA DE TAVEIRO Cal hidráulica MACIEIRA 24-1
- Os melhores preços -

Arrenda-se A Quinta do Caramelheiro Quem pretender dirija-se à família de João Zagarte Henriques. 3-2

Casa Vende-se, situada ao Cimo da Vila. Um grades de ferro é um engenho de tirar água em estado de novo. Tratar com José dos Santos Granada, comerciante, Figueiró dos Vinhos.

GÊLO
VENDE-SE qualquer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pera

Anuncio

Comarca de Figueiró dos Vinhos

Editos de 30 dias

2.ª Publicação

Faz-se saber que por este Juizo e sua primeira secção correm editos de trinta dias, contados da segunda e última publicação do respectivos anuncio, citando os executados Victorino Rodrigues Ferrão e mulher Maria Adelaide Agria Rodrigues Ferrão, com o último domicilio nesta vila, e ausentes em parte incerta do Brasil, para os termos da execução que nesta comarca lhes move o digno Agente do Ministério do publico, por falta de pagamen-

Alvaro Amorim Pinto
Advogado
Castanheira de Pera
Em PEDRÓGÃO GRANDE:
todas as segundas-feiras

to da quantia de 1.500\$80, na acção que neste Juizo lhes moveu D. Maria Adelaide da Costa Agria, viuva, desta vila. Figueiró dos Vinhos, 4 de Novembro de 1942
O chefe da 1.ª secção
Jaime Ribeiro Suceua
Verifiquei a exactidão
Themudo Machado
Jornal «A Regeneração» n.º 572 de 21 de Novembro de 1942

Boletim Bibliográfico

Por motivo da doença do nosso crítico literário, esta secção fica de remissa para o próximo número, do que pedimos desculpa aos editores e autores, assim como aos nossos presados leitores.

Limitamo-nos, hoje, a acusar as últimas obras entradas:

Edições da Parceria. António Maria Pereira, de Lisboa: **E Londres resistiu**, de J. M. Spaight, com um prefácio do Marechal do Ar britânico Visconde Trenchard; **«Postos de Combate» (A armada britânica na guerra)**, pelo Almirante Thursfield; **A batalha do Petróleo**, por Belo Redondo; **Destino humilde**, romance por Rachel Bastos; **O marido fiel**, romance por João Gaspar Simões; e **Paixão e morte dum rapaz romântico**, romance por Hugo Rocha.

INICIAÇÃO, Cadernos de Informação Cultural, pelo dr. Agostinho da Silva: **A vida de Nansen**, **O plano Dalton**, **As cooperativas** e **O sol**.

ANTOLOGIA, Introdução aos grandes Autores, organização do dr. Agostinho da Silva: **Taman**, por Lermontov.

O aspecto cultural na imprensa regionalista

Afirma-se, de quando em vez, que determinado jornal da província destina a maior parte das suas colunas a assuntos mais ou menos elevados e tantas vezes complexos e transcendentais, transportando, para segundo plano, outros que se afiguram mais próprios ao ambiente onde o jornal nasceu e exerce a sua actividade. Há nisto um fundo de verdade se pensarmos que a esmagadora maioria dos leitores não detem a vista, por muito tempo, sobre as linhas de um artigo que, positivamente, não compreende na essência. Daqui o afirmar-se que este ou aquele jornal se não lê porque é demasiadamente cultural. Mas os que tal afirmam, não o fazem simplesmente pelo prazer de passarem a si mesmo um diploma pouco lisonjeiro às suas faculdades intelectivas. Devemos, antes, aceitá-lo como uma confissão sincera, como o rebate aflitivo de uma consciência sã que não pretende iludir-se, nem iludir aqueles que, num gesto, aliás cativante e nobre, os querem conduzir a certo estado de elevação de espírito, por um caminho que lhes é inacessível. Compete, pois, às correntes jornalísticas que atribuem à imprensa regional um papel importante para a cultura dos leitores, mudarem de orientação, sob pena dêsse conjunto de assuntos elevados, tantas vezes complexos e transcendentais, continuar a merecer-lhes o suspeito significado da expressão — aspecto cultural. Consequentemente, conveniente se mostra que o jornal de cada região da maioria dos seus leitores, para que eles, algum dia, possam estar junto de si.

Não basta saber ler correctamente para entender e concluir o que o articulista escreve. Tornar-se necessário adquirir um certo número de conhecimentos, determinada desenvoltura do intelecto que raras vezes se conseguem, sem um período de preparação intenso nêsse sentido.

Sabemos que instrução e cultura são coisas diferentes e que ambas podem existir e manifestar-se independentemente, mas não podemos negar que o caminho mais seguro para atingir a cultura é a instrução e raros são os indivíduos que a conquistam sem trilhar este caminho. Assim, afigura-se de maior alcance a missão do jornal, se oferecesse aos provincianos leituras fáceis e claras, de forma precisa e conceitos acessíveis, de maneira a que tudo isto se pudesse considerar como um subsídio importante para aquele período de preparação e a que se chamaria post-escolar. Do contrário concluiremos que o aspecto cultural não tem a importância, pelo menos por agora, que lhe querem atribuir: aqueles que alguma coisa poderiam aproveitar, não estão preparados para tal; os outros, a minoria que se encontra apta, não procura num jornal da província a fonte da cultura, porque nêle não cabe, nem de longe, a avidez dos indivíduos nestas condições.

Cartas para a Aldeia (Dr. João Tendeiro) revelam a compreensão útil das necessidades dos provincianos, tanto mais que, escrevendo só para alguns, achou útil escrever também para eles.

Conveniente se mostra que o jornal desça junto da maioria dos seus leitores, para que, algum dia possam estar junto de si.

J. Abreu Nunes

O que é a escola activa?

por Irene Lisboa

2 A escola dita *activa* opõe-se à *passiva* pelos fins especiais que tem em vista. Uma considera a criança como vaso receptor, cérebro a mobilar, — a *passiva*, — a outra considera-a como um corpo e alma com molas próprias a accionar, a *activa*.

Vejamos se posso ser mais explicito: A escola tradicional ou *passiva* tem por missão ensinar o aluno, dar-lhe conhecimentos; a *activa* tem por missão, dar-lhe igualmente conhecimentos, mas despertando nêle toda a espécie de interesses e de acções, compatíveis com a sua idade.

A primeira obriga o aluno à imobilidade e ao silêncio, à atenção. Aprende-se sendo-se atento à lição! é um dos seus ditames. Porém, este esforço do aluno para não perder o que o professor diz e não perturbar os camaradas, o seu trabalho silencioso e a sua agitação disfarçada, quando a não pode conter, contrariam a sua tendência natural para o movimento e para a acção externa. A própria precipitação que os professores censuram em certos alunos inteligentes, muitas vezes não é mais que uma explosão de actividade. A criança nem sempre pode esperar a vez, ou estar coacta, reprimida.

A escola *passiva* morigera ou refreia todos estes impulsos, canalizando-os para trabalhos regrados. A *activa*, pelo contrário, respeita-os, permitindo uma grande variedade de iniciativas e de occupaões infantis.

Não se pode, porém, afirmar que a escola *activa* estimule apenas o movimento e se contente com qualquer natureza de actividade. Não! O seu principal fim é o de inspirar a acção, mas uma acção consciente, ligada a uma intenção, a um verdadeiro interesse — interesse de que se tira proveito para o desenvolvimento físico ou mental da criança.

O êxito da leitura, por exemplo, na escola *activa* pode ter uma rápida aplicação, não ficar limitado ao vagaroso conhecimento da *cartilha*. A criança pode começar logo a escrever as suas cartinhas, letreiros, etc., o que na escola ordinária não é permitido pela desordem que lá introduziria. Numa, o conhecimento é imediatamente utilizado, aproveitado como estimulante do interesse; noutra, não.

Na escola *activa* todo o trabalho toma mais ou menos este carácter utilitário e de aplicação — é individualizado. Para cada aluno se procura uma medida de trabalho; nada obriga este a fazer exactamente o que faz aquêle.

A norma destas escolas é o *interesse*, e tanto quanto possível o interesse espontâneo. Aquêle que uma criança pode sentir por conhecer, produzir, realisar, obter coisas e actos de vária natureza. Mas como a escola também prepara a criança para um futuro social, oferece-lhe meios de se construir, respeitando as suas tendências, ou evitando o seu sacrificio. Assim, a escola quer ensinar-lhe o cálculo? Faz com que ela calcule de verdade, sobre o que a interessa. Isto não inibe a criança de praticar a abstracção, de calcular por exercicio, chegada a época própria. Simplesmente, o ensino não parte da abstracção e não é desinteressado.

O professor também toma uma atitude muito diferente da habitual: é um investigador, um curioso, que desperta nos alunos o gosto da observação e da critica dos factos. Toda a vida da escola se anima de um espirito de curiosidade e de actividade. Os alunos não ficam sentados à espera, nem abrem o livro à ordem ou por imitação; o professor também não vem com a sua lição feita nem com interrogatórios preparados.

O fim da *escola activa* é de estimular a actividade do educando, quer mental quer física. Tudo o que nela se passa e se aprende deve ter o carácter de problema, embora à altura da mentalidade infantil. E deve corresponder também às necessidades das crianças, não lhes ultrapassar o interesse nem a compreensão.

Continua

Festa do Sagrado Coração de Jesus

Para preparação das festas do Sagrado Coração de Jesus, a realizar no próximo dia 22, tem sido feitas conferências na Igreja Matriz de Figueiró dos Vinhos, pelo reverendo Frei Correia Pinto, que se encontra entre nós desde o dia 16 do corrente.

As conferências têm sido muito concorridas e ouvidas com muito agrado.

No dia 23, terá lugar a Festa das Almas, com romagem ao cemitério.

REVISTAS E JORNAIS

Agora e sempre

Afinidades

Em Faro, na capital do sal, acaba de nascer uma revista que se propõe exprimir as afinidades profundas de Portugal e da França. E por isso escolheu o título de «Afinidades». Entre outras actividades propõe-se esta revista manter o público ao corrente dos mais recentes movimentos literários, artísticos e científicos franceses e relacionar oportunamente o passado cultural comum aos dois países. Nas grandes crises espirituais que periodicamente nos arrancam à nossa quietude, habituamo-nos a voltar-nos para a França. Agora que a Europa e o mundo estão desorientados, espera-se com ansiedade ver se desta vez ainda a França será capaz de dar a sua resposta. Qual será a contribuição francesa para o novo humanismo em formação? E' este o inquerite que *Afinidades* se propõe fazer.

E' este espírito que trabalha um grupo de colaboradores portugueses e franceses. O dr. Francisco Fernandes Lopes, que dirige a revista, é um notável exemplo destes homens cuja cultura é tão vasta que abrange as riquezas de duas nações.

Este primeiro número é um êxito completo. Sob a capa côr de creme, ornada de uma vinheta de estilo medieval símbolo da amizade luso-francesa, achamos uma apresentação agradável e variada, com belas gravuras, sugestivas produções e 96 páginas de texto. Abrangendo as questões mais variadas, este texto forma um conjunto homogéneo e bem cuidado. Compreende este primeiro número, entre outros, um artigo histórico sobre a fundação da Nação francesa, a apresentação de três poemas, texto e tradução: 1940 (poema da França infeliz) de Supervielle; A noite de Dunkerque, de Aragon, e um extracto de «A Finibus terrarum» de Pierre Emmanuel; um estudo sobre a geodesia ciência francesa, do professor Gil Júdice, crónicas sobre a música, a pintura, o teatro; uma abundante bibliografia e uma revista das revistas concebida e exposta de um modo original que fixa tanto o essencial do pensamento mundial captado pela França.

O número de Outono da Revista «TURISMO»

Acabamos de receber mais um magnifico número da «Revista Turismo» — o número do Outono, — com 80 páginas, contendo a melhor colaboração literária e artística.

Insera uma interessantissima reportagem gráfica de várias terras do distrito de Leiria, fotografias de arte de Lisboa, e Porto, uma peça de teatro, crónicas literárias, uma oportuna entrevista com a estrêla cinematográfica Daniella Darrioux feita pelo Director da Revista, versos de poetas que cantaram o Outono, novas secções: magazines, palavras cruzadas e grande secção charadística.

Entre a valiosa colaboração literária, destacam-se os artigos de Consigliere Sá Pereira, Julião Quintinha, Cesar Santos, Professor Gilbert Murray e Santana Quintinha. A capa é do distinto ilustrador Roberto Nobre.

Revista «Turismo» tem como Director o sr. António Pardal, sendo seu chefe de redacção o conhecido jornalista e escritor sr. Julião Quintinha.

Sendo o preço desta útil publicação apenas 5\$00 e tendo em vista o excelente aspecto gráfico que se observa nas suas 80 páginas, pode considerar-se a mais barata das Revistas portuguesas.

E' pena que alguns pontos turísticos da nossa Região não tenham ainda facilidades de acesso e se encontrem, por isso, vedados à admiração dos forasteiros a quem o peso dos anos, a debilidade de saúde ou a delicadeza de estrutura não permitem percorrer caminhos talhados pelas cabras, nas escabrosidades das serras, para trapézios dos seus ariscados exercicios.

Está neste caso S. Neutel no quasi extremo sul da serra do mesmo nome.

E, no entanto, a beleza do quadro que de lá se disfruta merece não só uma aguarela, como diria o poeta, mas também uma estrada.

E' porque não? Outras, com posição inferior na escala estetica, a têm, sendo manifesta a injusta antecipaçaõ e a visível postergaçãõ de direitos.

Para ser franco, devo dizer que a idea da estrada não é minha. Foi-me sugerida por alguém que, não sendo engenheiro, conhece praticamente alguma coisa do officio.

O ramal — esclareceu o meu informador — devia ter origem na estrada nacional junto ao Marco e, serpententeando uma ou outra encosta da serra a pequena distância da cumiada, a construção tornaria-se relativamente fácil e pouco dispendiosa por não carecer de grandes obras de arte. A importância da expropriação do terreno seria nula porquanto os proprietários, cedendo-o gratuitamente, tinham, como contra-partida, uma larga valorisação das suas propriedades.

Ora diga-me: não se poderia prolongar a estrada até aos lugares das Cabeças, concedendo-lhe assim uma dupla finalidade — recreativa e utilitária? — Não posso affirmá-lo porque conheço insufficientemente o terreno que medeia entre S. Neutel e aqueles lugares.

E' verdade que a construção do ramal obrigava a outras obras: reforma da capelinha de S. Neutel pondo na sua arquitectura alguma estetica para poupar os nossos olhos de um modo original que fixa tanto o essencial do pensamento mundial captado pela França.

Por falar em miradouro, não seria possível conseguir-se, por intermédio da Secretaria da Propaganda Nacional, a construção duma pousada, à semelhança do que se está fazendo em vários pontos do País? Confiemos na actividade da actual Câmara.

Chavêlho, Setembro de 1945

José Rodrigues Dias

Casa do distrito de Leiria

No passado dia 18 do corrente, ás 21 30 horas, na Casa do Distrito de Leiria, em Lisboa, procedeu-se ao descorrimento dos retratos dos ilustres leirienses Almirante Almeida Henrique e Coronel Sampaio Rio.

No mesmo dia, ás 22 horas, o sr. José Mendes da Cunha Gonçalves, ilustre Director do Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, realizou uma conferência intitulada «A bacia Hidrográfica do Rio Lis e os trabalhos do Engenheiro Reinaldo Oudinot no século XVIII».

Agradecemos a gentileza dos convites recebidos,